

2 filmes brasileiros

O GRANDE MOMENTO

ROBERTO SANTOS

CARA DE FÔGO

GALILEU GARCIA

CLUBE DE CINEMA DE FORTALEZA
29 DE SETEMBRO / 6 DE OUTUBRO DE 1963

TRÊS OPINIÕES SOBRE "O GRANDE MOMENTO"

Importante e promissora foi a estréia de Roberto Santos, com *O Grande Momento*... Não se vêem em *O Grande Momento* os tropeços de outras tentativas de crônica realística urbana, como aquelas de Nelson Pereira dos Santos ou *Aguilha no Palheiro*, de Alex Viany: Roberto Santos limpa de detritos o caminho e vai em frente.

Rapaz simples, nem parece ter notado que, ao optar pela simplicidade, escolhia o mais difícil em cinema. De qualquer maneira, por temperamento, convicção e inteligência, acertou de saída com o nível e o grau em que melhor se sentirá hoje ou no futuro.

Não é Zavattini a única influência pressentida no filme. Na seqüência do casamento, por exemplo, não é impossível nem exagerado adivinhar a presença de René Clair, aquele Clair popularesco das crônicas parisienses; e não há motivos para reclamações se o funambulesco Mack Sennett entra em cena para acabar com a festa.

O mais equilibrado filme de estréia que conhecemos, em toda a nossa experiência de cinema brasileiro, *O Grande Momento* capta admiravelmente — brasileira-mente — o ambiente humano no crisol do Brás, em São Paulo. Gianfrancesco Guarnieri, antigalã, a princípio choca o espectador com sua figura magra e pequena; depois de algumas seqüências, porém, já tem toda a platéia em sua torcida. O ator que faz seu sogro é exato como tipo e como interpretação; e Turibio Ruiz, no fotógrafo, compõe uma das pouquíssimas vinhetas cômico-humanas de nosso cineminha ainda tão pobre. De fato, até a bicicleta do herói tem vida, interpretando, juntamente com Guarnieri e as ruas do Brás, uma das mais bonitas seqüências do filme."

— Alex Viany — "Introdução ao Cinema Brasileiro" — Instituto Nacional do Livro — 1959

O Grande Momento, de Roberto Santos, produzido por Nelson Pereira dos Santos, que dirigiu *Rio, 40 Graus*, é, sob a forma de comédia dramática, um estudo das condições sociais da pequena-burguesia e do proletariado do Brás. Tomando como tema um dia da vida de um rapaz, justamente o dia do seu casamento, o jovem diretor, também autor do argumento, condensa em 24 horas todos os pequenos incidentes e os grandes acontecimentos que marcam duas camadas sociais em permanente luta contra dificuldades financeiras e pela melhoria de sua situação econômica.

A história foi construída linearmente, visando a um efeito decorrente das condições sociais que determinam o comportamento dos personagens, quer na sua conduta pessoal, quer como parte de uma comunidade. Nesse sentido, deve-se assinalar o frescor e a originalidade do desenvolvimento temático, cuja simultaneidade de ação e andamento rápido muito contribuem para retratar o ambiente. Digna de nota, também, a habilidade com

que Roberto Santos e Norberto Nath, autores do "script", integram os personagens na história, transformando a realização cinematográfica em obra de apreciável qualidade artística que só não chega a uma melhor categoria como um cinema total por alguns pequenos senões do "script", como, por exemplo, uma melhor motivação para o conflito na festa do casamento e o seu tratamento um tanto vulgar. Isso, porém, não é defeito de monta e de forma alguma invalida a obra de Roberto Santos, tanto mais quanto é de se apontar a sua condição de estreante. No balanço, seu saldo é de tal maneira positivo que o resto desaparece no conjunto de grandes virtudes que o filme revela.

É um dever e um prazer chamar a atenção do público para o extraordinário desempenho de Gianfrancesco Guarnieri. Nem um só instante há momento menos bom no seu trabalho. Uma rica e cuidada gesticulação, compondo expressivamente cada instante da ação, o timbre de voz agradável e de inflexões precisas, a dinâmica mobilidade facial, dão-lhe um lugar à parte no panorama do cinema brasileiro.

...Completam as boas qualidades do filme a fotografia de Hélio Silva e a música de Alexandre Gnattali.

J. S. — "Estado de São Paulo"

Enquanto Nelson Pereira dos Santos ("Rio, 40 Graus" e "Rio Zona Norte") se perde no abismo entre seu cinema primário e a ambição de dissecar vastos segmentos da sociedade, Roberto Santos se realiza na crônica de costumes centralizada em um casamento de gente modesta do Brás, um bairro de fisionomia marcante na capital paulista... *O Grande Momento*, onde Nelson Pereira dos Santos apenas funcionou como produtor, demonstra as vantagens da modéstia sobre a ambição sem base. Uma crônica sincera é sempre mais importante que um tratado de sociologia com *parti pris*.

A simpatia e a compreensão não tolhem em Roberto Santos a função crítica. Uma crítica amável como a herança de Clair que Zavattini cotidianizou e aqueceu o coração de De Sica. Mas sempre uma crítica. A lei é a do coração e os impulsos falam mais do que o cálculo, mas a pobreza não isenta os personagens da crueldade, da mesquinharia, do egoísmo. São venais os pecados que Roberto Santos expõe em suas criaturas: um trato rompido para satisfazer a conta da farmácia; uma bebidinha saboreada na surdina, longe dos amigos; a pequena atitude egoísta quando se impunha a solidariedade. Mas do conjunto flui uma impressão de grotresco, de melancólico. O otimismo de Roberto Santos não lhe impede a visão. Não se consoma a incondicional exaltação dos "humildes" que teríamos no caso de um discípulo de Nelson Pereira dos Santos. Persiste o rumo de Zavattini: o diálogo com a realidade prescinde da divisão das criaturas em heróis e vilões. "A câmera, em verdade, tem tudo em frente; vê as coisas e não o conceito das coisas".

Ely Azeredo — "Tribuna da Imprensa"

OFERTA DA

FEDERAÇÃO NORTE NORDESTE DE CINELUBES

Caixa Postal, 707 — Fortaleza - Ceará - Brasil

A ESTRÉIA DE GALILEU GARCIA

Galileu Garcia, assistente de Lima Barreto em *O Cangaceiro*, foi feliz ao escolher a novela *A Carantonha*, de Afonso Schmidt, para seu filme de estréia como diretor. Apesar de todas as dificuldades que teve de enfrentar — orçamento restrito, falta de recursos técnicos, produção deficiente, etc. — realizou em *Cara de Fôgo* uma obra segura, soube contar bem uma história, com personagens quase sempre reais, e um grande senso de medida.

Observou Cavalheiro Lima que Galileu Garcia, conscientemente ou não, enveredou em *Cara de Fôgo* pelos rumos indicados nos trabalhos de Humberto Mauro, mineiro como... o próprio C.G. E, sem dúvida alguma, já era tempo que alguém seguisse os ensinamentos desse Mauro tão Brasil.

Alex Viany — "Introdução ao Cinema Brasileiro"

O GRANDE MOMENTO — produção: Nelson Pereira dos Santos. Direção: Roberto Santos — cenário literário: Roberto Santos e Norberto Nath. Fotografia: Hélio Silva. Música: Alexandre Gnatalli. Montagem: João de Alencar. Elenco: Gianfrancesco Guarnieri, Míriam Pércia, Paulo Goulart, Vera Gertel, Turíbio Ruíz, Norah Fontes, Jaime Barcelos e outros. São Paulo, 1958.

CARA DE FÔGO — Produção: Eduardo Lourenço. Direção: Galileu Garcia. Adaptação: Nelly Dutra e Galileu Garcia, baseada na novela "A Carantonha", de Afonso Schmidt. Roteiro: Galileu Garcia. Fotografia: Rudolf Icsey. Música: Enrico Simonetti. Montagem: João de Alencar. Elenco: Alberto Ruschel, Lucy Reis, José de Jesus, Milton Ribeiro, Ana Maria Nabuco, Gilberto Chagas e outros. Produtora: Cinebrás, São Paulo, 1958.